

Água Viva
Roteiro Original de
Raul Maciel

(16) 8158 - 8618
raulpmaciel@gmail.com

1 - EXT. - GARAGEM DA CASA DE MELINA - DIA

A casa tem aspecto antigo e descuidado. Grandes janelas de madeira e pilastras com ornamentos ao lado do portão metálico enferrujado de pintura descascada.

O PAI, homem, cerca de 40 anos, alguns cabelos brancos, barriga saliente, vestindo camisa com os botões superiores abertos, o que evidencia a vasta cabeleira em seu peito; chega em seu carro, que está amassado.

Ele abre a porta e prepara-se para descer, quando uma sacola escorrega de seu colo. Caem dela alguns cascos de cerveja, que rolam no chão; mas não se quebram.

Ele, então, desce do carro e se agacha para pegá-los.

2 - INT. - QUARTO DE MELINA - DIA

O PEDREIRO, homem, cerca de 20 anos, de traços delicados, que contrastam com seu aspecto rústico, entra e fecha a porta.

PEDREIRO

E o seu pai?

Ele pega MELINA, mulher, 15 anos, muito magra, vestida apenas de camisola, desprevenida, sentada na cama enquanto lixa as unhas dos pés.

MELINA

O que você tá fazendo aqui?

O PEDREIRO vai até a cama e tenta pegá-la pelo rosto para beijar-lhe. Mas ela esquiva-se.

O PEDREIRO insiste em beijá-la; mas não consegue. Ela pega as mãos dele e leva-as até as suas pernas magras, que ele acaricia suavemente.

Ele leva-a contra a parede. Mas ela esquiva-se dos beijos e tenta abrir a calça jeans dele.

Ele a ajuda a abrir o botão. Tenta abraçá-la e beijá-la; mas ela foge, afastando-se dele.

PEDREIRO

Mina, qual é o teu problema?!

MELINA senta-se na cama, consternada, foge do olhar dele.

3 - EXT. - PORTA DA CASA DE MELINA - DIA

Com a sacola e os cascos de cerveja em mãos, o PAI levanta-se do chão e puxa suas calças, acomodando-se.

PAI

Ahhh...

Ele bate a porta do carro com muita força.

4 - INT. - QUARTO DE MELINA - DIA

MELINA escuta o barulho da porta do carro.

Assustada, ela se levanta da cama.

PEDREIRO

Aahhhh, caralho!

MELINA leva o PEDREIRO até a porta.

MELINA

Merda! Vai! Sai daqui!

Ele sai enquanto tenta fechar a braguilha da calça.

5 - INT. - BANHEIRO - NOITE

MELINA está ajoelhada em frente ao vaso sanitário.

Batidas na porta.

Ela se levanta e aperta a descarga. Vai até a pia para lavar a mão.

A descarga não para de soar.

Batidas na porta novamente

Ela olha para o vaso. Tenta mais uma vez a descarga.

O som indica que o vaso está quase cheio d'água, prestes a transbordar.

PAI (V.O.)

O que tá acontecendo aí, Melina?

Ela abre a porta.

É seu PAI quem está ali.

MELINA

Tá tudo bem. Acho que entupiu o vaso.

O PAI inclina-se tentando ver o que acontece dentro do banheiro e sai, desconfiado.

6 - INT. - SALA DE JANTAR - NOITE

MELINA e seu PAI estão na mesa, sentados frente a frente. Entre eles algumas panelas.

MELINA debruça-se sobre a mesa e observa alguns restos de comida em seu prato.

O PAI mastiga tranquilamente, observando-a. Ele leva a mão até a concha e coloca feijão no prato dela.

MELINA se levanta.

MELINA

Com licença.

E deixa a mesa.

7 - INT./EXT. - QUARTO DE MELINA / QUINTAL DA CASA - DIA

MELINA está agachada, logo abaixo da janela, esfregando o chão com suas luvas de borracha.

Ela soca o pano no balde vermelho várias vezes, respingando água pelo chão à sua volta.

Ela levanta e vê, pela janela, o PEDREIRO, que trabalha na construção, erguendo algumas paredes, que estão à meia altura.

De volta ao chão, ela pega o pano e esfrega com força no chão

8 - EXT. - QUINTAL DA CASA - DIA

Na construção, o PEDREIRO está tirando o excesso de cimento do muro, com sua espátula. MELINA chega de surpresa, ainda vestida com sua camisola.

PEDREIRO

Quê que foi?

Ainda vestida com suas luvas de borracha, ela abre a braguilha e o botão de sua calça jeans manchada.

Ela empurra-o e aponta para o chão.

MELINA

Deita aí!

Ele deita encostado no muro da construção. Ela senta-se sobre ele.

MELINA começa a fazer movimentos com os quadris.

Ele vira-se para trás, olhando atento para a porta da cozinha.

MELINA levanta-se um pouco e tenta ajeitar, com a mão. Depois, desce o corpo devagar e sente dor.

O pedreiro leva sua mão aos seios dela. Ela protege-se com o outro braço.

MELINA (CONT.)

Não me encosta.

Ele leva sua mão até ela.

PEDREIRO

Deixa eu te ajudar.

MELINA

Não. Peraí!

MELINA desiste de forçar a penetração, afasta-se um pouco e começa a masturbá-lo.

Ele volta a olhar para a porta da cozinha.

PEDREIRO

Você escutou?

MELINA

Não!

Ela acelera os movimentos com o braço, tentando excitá-lo.

PEDREIRO

Aí. Cuidado.

Ela continua os movimentos com a mão. Pega a mão dele e leva até o seu seio.

PEDREIRO

Tira essa luva.

Ela prossegue, acelera ainda mais os movimentos, e olha para seu rosto, em busca de alguma reação.

Mas ele está inerte. Parece apenas sentir um pouco de dor. Sua mão permanece estática no seio dela.

Ele abaixa a cabeça, envergonhado. Ela cessa os movimentos. Levanta-se e abaixa a camisola, escondendo suas pernas esqueléticas.

PEDREIRO

Me desculpa.

Ele fecha a braguilha, envergonhado.

MELINA (CONT.)

Não precisa disfarçar. Eu sei que sou gorda.

O PEDREIRO olha para ela, espantado.

MELINA tira suas luvas, deixa-as sobre a construção e entra pela porta da cozinha.

9 - INT. - BANHEIRO - NOITE

O chuveiro ligado incide diretamente no chão, preenchendo o ambiente com uma névoa.

MELINA está sentada, encostada na parede, dentro do box do chuveiro, diante do ralo destampado.

Ela movimentata e gira o ralo. Com seus pés, leva-o até a água que caí do chuveiro.

Ela toma impulso e fica de quatro. Vai até o buraco do ralo e aproxima seu rosto. Leva sua mão até a boca. Introduz o dedo na garganta. Faz um esforço, levando o dedo ainda mais fundo.

Alguém bate à porta.

PAI (V.O.)
Melina? Você ta aí?

Ela se levanta rapidamente.

MELINA
Eu já vou ficar pronta.
Esperai!!!

MELINA coloca o ralo de volta no buraco com pressa. Enxuga sua boca com a toalha. Abre a torneira e joga um pouco de água no rosto, enxugando-se e enrolando-se na toalha.

Ela abre a porta.

Seu pai entra no banheiro. Olha para ela de cima em baixo e depois dentro do box.

No box, a tampa do ralo está pendente.

O PAI chuta a tampa do ralo e leva a mão dentro dele.

Então, ele volta a se erguer.

Ele leva sua mão, com uma matéria escura, ao ombro desnudo de MELINA. Limpa ela em seu ombro e, depois, passa seus dedos delicadamente no rosto da garota, que está aterrorizada.

PAI
Então é isso?

O PAI empurra MELINA. Ela bate no lavabo e choca sua face contra o espelho.

PAI (CONT.)
Vai, olha! Se enxerga!

Ela evita o espelho e olha para baixo.

Ele puxa os cabelos dela para trás, deixando seu rosto em evidência.

MELINA tenta virar-se para o lado. Seu pai puxa seus cabelos com mais força, chacoalhando sua cabeça.

Ela sente dor. Os dois observam-se por meio do espelho, ele atrás dela.

PAI (CONT.)
Olha em que ponto você chegou,
Melina...

Ela lhe acerta uma cotovelada na barriga e empurra-o contra a porta.

PAI (CONT.)
Aí, caralho! Melina! Melinaaaa!
Esperaí!

Ela sai correndo.

10 - INT. - CORREDOR - NOITE

Saindo pela porta do banheiro, MELINA corre até a sala.

Ela para, atônita. Volta a olhar para o banheiro.

E vê que seu pai já não está mais lá.

11 - INT. - SALA DE JANTAR - NOITE

MELINA entra. No meio da sala há um caixão, que está no lugar onde ficava a mesa.

Ela corre até o caixão, olha seu interior e respira fundo, tranqüilizada.

Ela, então, vai até uma bandeja, sobre a cômoda, cheia de quitandas, salgados e doces, que fica próxima à porta e come um salgado empanado, colocando-o inteiro na boca.

Depois pega uma coxinha e dá uma mordida em sua ponta. Fecha os olhos e enfia o resto da coxinha na boca, engolindo-a sem mastigar.

Vai até os brigadeiros. Mal engole o primeiro e já põe outro na boca.

Ela volta até o caixão, onde se apóia, respira fundo e fecha os olhos.

12 - INT. - BANHEIRO - NOITE

MELINA está ajoelhada, apoiada no vaso sanitário.

Introduz o dedo na garganta, forçando o vômito. Seus pés se contorcem, enquanto ela começa a vomitar. Sua barriga treme, o diafragma palpita.

Ela se levanta e enxágua a boca. Joga água no rosto.

Volta e ajoelha-se no vaso novamente. Respira fundo e introduz os dedos na garganta com força. Ela geme, tira a mão da boca e desiste.

MELINA tenta se levantar, apóia-se no vaso e na parede.

Mas sente uma vertigem e caí no chão, ao lado do vaso, desacordada.

13 - INT. - SALA DE JANTAR - NOITE

MELINA chega ao lado do caixão, que está cheio de uma água turva, escurecida, como o esgoto. Ela vira-se e olha para a estante onde está a bandeja.

A comida, que está na bandeja, apresenta um aspecto podre: está empapada, como se tivesse sido mastigada e cuspidada.

Ela então se apóia no caixão, toma impulso, sobe e deita-se nele.

Submersa, ela desaparece dentro da água.

14 - INT. - QUARTO DE MELINA - DIA

Deitada em sua cama, MELINA tem sua camisola ensopada de suor. Ela encolhe-se e enrola-se no cobertor, trêmula.

Ela se levanta e caminha com dificuldade. Vai até a janela, onde vê um céu cinzento de nuvens escuras e carregadas.

CORTA PARA:

MELINA está na posição do parto de cócoras, com as pernas bem abertas e o ventre próximo ao chão, onde há uma enorme poça d'água.

CORTA PARA:

Som de trovões.

MELINA está com o balde ao seu lado, vestida com suas luvas de borracha, tentando limpar o chão molhado.

Trêmula, com dificuldade, ela tira suas luvas e passa a mão no líquido viscoso. Ela leva o dedo até o nariz e sente o cheiro.

15 - INT. - CORREDOR - DIA

MELINA fecha a porta do seu quarto.

Cambaleando, ela caminha pelo corredor apoiando-se na parede.

16 - INT. - BANHEIRO - DIA

Som de trovões.

MELINA levanta a tampa e senta-se no vaso.

Começa a chover lá fora.

MELINA se contorce, sentada no vaso. Sua respiração fica ofegante. Ela fica vermelha e geme ao fazer força.

MELINA
Uhhnnnnn. Uhhnnn.
Uuuuhhhhhnnnnnnnnn.

Sua respiração fica cada vez mais ofegante.

O som da chuva fica ainda mais forte.

MELINA treme. Grita de dor. Morde a mão com força.

MELINA
Ahhhh. Ah. Ah. Aaahh.

MELINA morde o próprio braço, fechando os olhos, ficando ainda mais vermelha e ofegante.

Um raio muito forte cai.

A lâmpada do banheiro estoura, escurecendo o recinto.

MELINA (CONT.)
Urrhhhh. Eeerrhhhh.

MELINA faz força com o abdômen e se segura no vaso. A respiração de MELINA volta a acelerar e fica ainda mais intensa.

A chuva está torrencial.

Ela joga seu corpo para trás, apoiando suas mãos na parede. Suas pernas voltam-se também para trás, dando uma chave de perna no vaso. Ela, então, dá um grito longo e intenso.

MELINA
AAAAAAAAAAAAaaaaaaaahhhhh!!!!!!

Ela, então, respira fundo uma, duas, três vezes. Seus músculos começam a se relaxar aos poucos.

Sua respiração volta ao normal. Ela está muito vermelha, o seu rosto ainda está deformado pela expressão da dor.

CORTA PARA:

A chuva cessou.

MELINA está encolhida sentada no chão do banheiro, encostada na parede. Ainda está bastante vermelha. Tem ao seu lado um balde vermelho onde estão suas luvas de borracha.

Ela se levanta com muita dificuldade, apoiando-se nas paredes e olha para o interior do vaso.

Dentro do vaso, um objeto estranho, que parece se movimentar, possui uma estrutura semelhante a uma bolsa de silicone transparente, com alguns fios azuis, roxos e vermelhos como capilares sanguíneos.

Ela pega suas luvas no balde.

17 - EXT. - QUINTAL DA CASA - DIA

MELINA está sentada sobre o muro da construção. O balde vermelho está deitado no chão ao seu lado, girando.

A água da chuva acumulou-se entre as paredes da construção e formou um lago cristalino, onde MELINA descansa a mão vestida com sua luva de borracha.

Inerte, ela observa no lago uma água-viva, que pulsa, balançando seus tentáculos vagarosamente.

Ela tira suas luvas e as deixa sobre o muro. Volta a levar sua mão, agora desnuda, movimentando-a na água.

Ela olha para a porta da cozinha, que está vazia.

A água-viva permanece pulsando lentamente dentro da piscina que se formou.

MELINA tira a mão da água e balança seu braço na tentativa secá-la; mas a água acaba por incidir na objetiva da câmera.

Uma gota d'água também pinga no seu rosto.

Mas MELINA não se incomoda e deixa a gota parada sobre sua bochecha.

Ao seu lado, suas luvas descansam sobre o muro.